

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

A FORMAÇÃO ACADÊMICA E O SEU PAPEL NA ATUAÇÃO ECLÉTICA DO PSICÓLOGO

Núbia Voss Reis (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: nubia-reis@hotmail.com

Palavras-chave: Pluralidade. Ecletismo. Psicologia.

Wundt e James foram considerados os precursores de uma proposta de psicologia científica moderna (ABIB, 2009). Ambos pretendiam afastar a psicologia da metafísica. No entanto, eles percorreram trilhas teóricas e metodológicas diferentes, o que acabou subsidiando diferentes projetos de psicologia científica. Wundt acreditava que a psicologia, para ser ciência, deveria ser uma psicologia empírica, cujas características trariam elementos tanto das ciências naturais quanto das ciências do espírito. Já James afirmava que a psicologia, para ser ciência, deveria ser uma psicologia natural. Desse modo, a psicologia, como ciência, já nasceu plural (ABIB, 2009). Os sucessores de Wundt e de James não conseguiram atribuir um caráter unitário para a psicologia, pelo contrário, o que se viu no século XX foi uma multiplicação de psicologias científicas (ABIB, 2009), como pode ser verificado nas diferentes matrizes psicológicas discutidas por Figueiredo (2012). As matrizes do pensamento psicológico são, segundo Figueiredo (2012), toda a variedade de escolas psicológicas que tinham modelos de integridade e interesses expressos nas várias posições teóricas e metodológicas. Ele as subdividiu em dois grandes grupos: as matrizes científicas, nas quais o objeto de estudo – vida subjetiva e singularidade do indivíduo – é desconhecido em favor de uma imitação dos modelos e práticas vigentes das ciências naturais. No segundo grupo, as matrizes românticas e pós-românticas, se reconhece a especificidade do objeto de estudo e se reivindica uma total independência da psicologia diante das demais ciências (FIGUEIREDO, 2012).

A pluralidade da psicologia é uma questão em pauta nos dias atuais. Por um lado, há aqueles que a defendem, argumentando, por exemplo, que a subjetividade humana é complexa, de modo que apenas um objeto e método de estudo não seriam suficientes para dar conta dessa complexidade (SCHMIDT, 1999). Assim, as diversas psicologias científicas tornam-se possibilidades de se fazer conhecimento, no qual cada teoria ilumina um âmbito da

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

complexidade psicológica (LAURENTI, 2012). Por outro lado, há aqueles que condenam essa pluralidade. Para eles, tal pluralidade seria sinônimo de fragilidade epistemológica. O que subjaz a essa tese parece ser o argumento de que, à semelhança das ciências naturais, a psicologia deveria apresentar consenso sobre seu objeto de estudo e método. Carone (2003) afirma que tal argumento foi influenciado pela concepção de paradigmas de Thomas Kuhn. Para ele, para que uma determinada área do conhecimento se torne ciência, é necessário que haja um consenso paradigmático entre os membros da comunidade científica em relação aos métodos, objeto, problemas de pesquisa etc. Embora ele não tenha discutido essa concepção de paradigma na psicologia, o que se viu foi uma recepção acrítica desse conceito pela literatura psicológica, numa busca constante de um paradigma para a disciplina (CARONE, 2003). Assim, atribuem a essa pluralidade uma característica de fragilidade científica da psicologia (SCHMIDT, 1999).

Tal debate só reitera o caráter plural da psicologia. Uma das formas de lidar com essa diversidade é o ecletismo. O ecletismo é definido como a atitude de usar teorias psicológicas distintas, com pressupostos filosóficos, método e objeto de estudo diferentes, mas que são usadas de maneira complementar para a explicação de um mesmo fenômeno psicológico. Alguns autores discutem explicações que podem esclarecer do porquê o ecletismo ainda ser um tema atual. Schmidt (1999) alega que o ecletismo é usado como uma maneira de apagar ou diminuir a distância entre as teorias, na tentativa de transformar a psicologia em uma ciência, assim como as ciências naturais. Completando a visão de Schmidt, Figueiredo (2012) acredita que o ecletismo é usado como forma de enfrentar as contradições do projeto de psicologia como ciência. Como reflexo disso, o ecletismo se torna presente na atuação de muitos profissionais de psicologia. Por exemplo, Laurenti (2012) afirma que na prática dos profissionais, o uso de abordagens é feito de acordo com o problema local. Ou seja, se o problema é de aprendizagem, usa-se a psicologia histórico-cultural ou a psicologia genética, se for um problema mais superficial, usa-se a psicologia comportamental, se for mais “profundo”, usa-se a psicanálise etc.

Outras questões que explicam o ecletismo estão relacionadas à formação acadêmica dos estudantes e profissionais de psicologia. Laurenti (2012) alega que a valorização de pesquisas factuais em detrimento de pesquisas conceituais favorecem uma postura eclética. Isso ocorre porque as pesquisas conceituais permitem ao aluno conhecer os pressupostos epistemológicos, fornecendo condições de discutir e produzir um conhecimento menos

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

equivocado e mais afinado sobre a teoria de interesse. Assim, se o estudante tem um conhecimento conceitual apresentado de maneira não desvalorizada, ele terá possibilidade de discernir diferenças e proximidades entre as abordagens, permitindo um diálogo entre elas, sem cair num ecletismo.

Bastos et. al. (2010) realizaram uma pesquisa para caracterizar o perfil do psicólogo brasileiro. Foi destacado nessa pesquisa dados relevantes que permitem atribuir à formação acadêmica um papel fundamental na atuação eclética. Por exemplo, foi citado na pesquisa que os profissionais de psicologia usam a teoria que está mais “qualificada” para cada área de atuação, pois adaptar a mesma abordagem a diferentes contextos de inserção profissional não é uma “tarefa fácil”, o que permite dizer que as ênfases (área de atuação) estão sendo apresentadas de modo deficiente nos cursos de psicologia. Se os profissionais usam a abordagem mais qualificada para cada área de atuação, é porque, possivelmente, no âmbito da graduação, essas abordagens e teorias não estão sendo tratadas de maneira correta. Outro dado importante trazido na pesquisa foi o de que quanto mais especializado um profissional se torna, menos eclético ele será. Os dados obtidos foram: dos 1476 psicólogos graduados, 936 (63%) usam duas ou mais abordagens. Essa proporção (64%) é mantida entre os psicólogos especializados. Quando os profissionais têm o título de mestre, a porcentagem cai para 61%. O mais evidente fica para aqueles que apresentam o título de doutor, quando a porcentagem cai para 41%. Ou seja, como recém formado, o profissional não apresenta um suporte teórico e prático suficiente para garantir uma atuação não eclética, já como doutor, a postura eclética diminui cerca de 20%.

Assim, o ecletismo representa um problema de atuação e de formação que estão interligados. De atuação porque os profissionais, ao usarem a teoria de acordo com a área de atuação (BASTOS et. al., 2010) ou de acordo com o problema apresentado pelo cliente (LAURENTI, 2012), não se esforçam a pensar no problema apresentado, conduzindo o atendimento com um “espontaneísmo”, que não permite pensar no que se deve fazer (SCHMIDT, 1999). Um problema de formação porque representa uma falta de compromisso com os pressupostos epistemológicos das teorias, pois não há uma reflexão por parte da comunidade científica, de modo que essa falta de comprometimento não permite uma tentativa de superação dos limites de cada abordagem (LAURENTI, 2012).

Dito isto, o objetivo desta pesquisa é investigar se a formação acadêmica influencia na atuação eclética do psicólogo. Para tanto, será realizada uma pesquisa empírico-exploratória,

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

que trata da face empírica e factual da realidade, fornecendo maior concretude às argumentações e visando buscar mais informações sobre o assunto em estudo. O modelo usado para a obtenção das informações será uma entrevista semiestruturada. Essa entrevista será realizada com psicólogos que atuam na cidade de Maringá-PR e eles serão selecionados mediante o *site* do Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR). A entrevista será semiestruturada, pois que permite uma flexibilidade do pesquisador de fazer outras perguntas que, eventualmente, possam surgir no decorrer da entrevista. As perguntas dessa entrevista serão relacionadas com a formação acadêmica e com a atuação desses profissionais. Vale ressaltar que a pesquisa só será realizada mediante aprovação do projeto pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá.

A realização desta pesquisa pode trazer contribuições acadêmico-científicas, pois permitirá o esclarecimento de uma questão que está em pauta atualmente e é discutida nos cursos de psicologia, que é o ecletismo. A possibilidade de uma relação entre a formação acadêmica e a atuação eclética poderá contribuir para futuros estudos relacionados ao assunto. Cabe aqui uma questão: como ensinar diferentes abordagens teóricas nos cursos de psicologia sem recorrer ao ecletismo? Além disso, a pesquisa poderá trazer contribuições de cunho profissional, pois, se comprovada a relação, os cursos de psicologia que procuram mudanças em suas grades poderão se pautar nesses resultados para fazer uma reflexão sobre os profissionais que estão formando em seus cursos e talvez propor estratégias que modifique o perfil desses profissionais.

Referências

ABIB, J. A. D. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiae Studia**, São Paulo. v. 7, n. 2, p. 195-208, abr./jun. 2009.

BASTOS, A.V. B.; GOMDIM, S. M. G.; PEIXOTO, L. S. A. Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In: BASTOS, A.V. B. et. al. **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 174-199.

CARONE, I. **A psicologia tem paradigmas?**. São Paulo: Fapesp, 2003.

FIGUEIREDO, L. C.M. **Matrizes do pensamento psicológico**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LAURENI, C. Trabalho conceitual em psicologia: pesquisa ou “perfumaria”? **Psicologia em**

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

Estudo. Maringá. v. 17, n. 2, p. 179-181, abr./jun. 2012.

SCHMIDT, M. L. S. Ecletismo e dogmatismo na adesão às teorias psicológicas. **Interações.** São Paulo. v. 4, n. 7, p. 19-41, jan./jun. 1999.